



REDACÇÃO PRINCIPAL  
Alexandre Vieira  
EDITOR  
Joaquim Cardozo

Propriedade da União Operária Nacional

Officina de impressão — R. de Almeida, 194

(Pernambuco da lei que regula a liberdade de imprensa)

Redacção e administração — Calçada de Combó, 33-A, 2.º

End. tel.: Tullaba — Lisboa — Telefones: 1

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A CARESTIA DA VIDA E A U. O. N.

## Ouvindo o sr. Ezequiel de Campos

O ilustre publicista-economista diz a "Batalha" as medidas que, em seu entender, melhorariam as condições de vida

O sr. Ezequiel de Campos está, com o sr. Anselmo de Andrade e o sr. Brazílio Teles, na primeira plana dos publicistas-economistas portugueses. Os seus trabalhos, desde a *Conservação da riqueza nacional* até à *Grei*, ao *Pela Espanha*, às *Leivas da minha terra* e aos seus valiosíssimos artigos na revista *Pela Grei*, tem-no imposto à admiração dos estudiosos. Estava pois indicado que nos esforçassemos por ouvi-lo, em algumas das suas rápidas passagens por Lisboa, sobre o problema da carestia da vida.

É necessário que todas as reclamações sejam encaaminhadas e coordenadas para o bem comum, por uma política nacional

Qual é a opinião de v. ex.ª sobre as reclamações da U. O. N.?

— Começamos por perguntar ao ilustre economista.

— Apresentando aos governos as suas reclamações de carácter económico, a U. O. N. está no seu papel — principiou s. ex.ª. É necessário que uma verdadeira política desempenhe o seu, ponderando as aspirações legítimas de todas as classes da população e coordenando todas as forças sociais (mesmo as mais antagonistas entre si) num sentido nacional, progressivo, para o bem comum. O predomínio exagerado de uma classe, grupo ou partido é sempre um mal para todos, a começar pelo próprio grupo predominante. A política indispensável é a que souber tomar em conta e graduar as várias reclamações da *Grei*, sabendo ao mesmo tempo e sendo capaz de conter todas as forças sociais nos limites exigidos pelo bem de todos. Tal é a verdadeira função do Estado, que será ainda por muito tempo necessária e útil à humanidade, concorrendo para a educação daqueles mesmos que o combatem. Chegámos a um ponto da vida nacional em que as dificuldades, embora não iguais, são comuns a todas as classes: é absolutamente indispensável, para a salvação do futuro da *Grei*, a coordenação e cooperação de todos os esforços.

«Prega-o Lloyd George na Inglaterra: «cooperemos, interessemo-nos todos na vida, para não sermos amanhã batidos na crise de trabalho que nos imporá a vitória económica dos mais aptos»: tal é a súplica das suas falas aos mineiros e demais operários ingleses; a mesma doutrina vigora nos E. U. da América do Norte com a organização científica do trabalho. A solidariedade no esforço e a fraternidade nos benefícios do trabalho veem como consequência das remodelações que a guerra vai impondo a todo o mundo.

«Nenhum trabalho é rendoso, e por isso feito com economia de vida (aumento do bem-estar que é a alegria e o gosto de viver) se não houver ordem e disciplina na sua execução e coordenação: e essa ordem e disciplina não podem existir com a ignorância e incompetência na direcção dos esforços, seja qual for o campo de actividade, e seja esta individual ou colectiva.

«A vida portuguesa, ou se enquadra para um destino colectivo, nobre e humano, por um enfeixamento de actividades que a breve trecho se imponha à audácia sem competência e às forças progressivas mas desorganizadas, — e assim iremos para o bem-estar e para o progresso — ou, continuando como vai, com as classes desfirmadas

reinos camarários incultos pouco darão. Os melhores terrenos de Portugal tem dono: baldios e incultos do domínio público são terrenos aproveitáveis quasi só para matas. Para gastar neles fadigas e capitais que melhor produto dariam nas outras terras mal aproveitadas, mas de grande produtividade possível?

«E todas as reclamações devem ter um nobre objectivo nacional.

As providências do aspecto económico que a U. O. N. primeiramente tentou reclamar, pecavam por insuficientes e inexecutáveis, tais quais eram formuladas

— E qual o parecer de v. ex.ª sobre o alcance das nossas reclamações?

— Segui com interesse as reclamações da U. O. N. e do congresso rural. Entendo que as reclamações operárias devem procurar benefícios pelo menos bastantes aos operários, mas é necessário que uma política nacional não deixe que se desorganizem, e pelo contrário mantenha e melhore, se possível for, as condições de acção das classes capitalistas, cujo concurso é hoje indispensável à obra imediata do bem comum. As reclamações devem tender a melhorar a produtividade portuguesa, sem o que agravarão as condições de vida.

«As primeiras reclamações quanto à carestia da vida que a U. O. N. tencionava apresentar, nem podiam ser realizadas, nem ter efeito notável no bem-estar colectivo; mas o governo bem as podia ter amoldado a uma realização proveitosa para todos.

«Em poucas palavras: a 1.ª, revisão e rectificação dos preços dos géneros de produção nacional de modo que em caso algum ultrapassassem de 50 por cento os que vigoravam antes da guerra, nem o governo a decretava porque indispunha a lavoura, em que pretendia apoiar-se, nem, que decretasse, daria vantagem nenhuma, porque só agravaria a crise de subsistências, pois a lavoura, que já reduz a área do trigo, reduziria ao mínimo as produções mais atingidas nas tabelas revisadas. Haveria o aumento da importação de substâncias alimentícias com todas as suas consequências.

«A reclamação 3.ª — de um único tipo de pão, e a 4.ª — do racionamento dos géneros alimentícios, atendendo só à distribuição, não podiam ter acção notável na quantidade, que é basilar para a baixa de preço.

«A proibição absoluta da exportação de géneros alimentícios, excepto da superabundância do pescado, que constituía a 5.ª reclamação, em pouco melhorava as condições da vida, porque o contrabando far-se-ia em maior escala.

«Ficavam apenas as reclamações 10.ª — da intensificação da produção agrícola pelo auxílio do Estado, e 11.ª — socialização dos baldios e terrenos camarários incultos, com a 12.ª — restrição do plantio da vinha e apropriação pelo Estado dos terrenos mal utilizados, como medidas para aumentar a produção nacional, cujo déficit seria suprido pela importação, facilitada pela reclamação 8.ª

«O auxílio do Estado na intensificação da produção agrícola, mantendo-se a organização actual desta, seria de resultados tardios ou dispendiosos, pelo que se tem obtido com a pauta dos cereais com a isenção de impostos, com os prémios de cultivo, com os tractores, as tarifas ferroviárias, etc.

«A socialização dos baldios e ter-

renos camarários incultos pouco darão. Os melhores terrenos de Portugal tem dono: baldios e incultos do domínio público são terrenos aproveitáveis quasi só para matas. Para gastar neles fadigas e capitais que melhor produto dariam nas outras terras mal aproveitadas, mas de grande produtividade possível?

«A restrição do plantio da vinha já deu muita celeuma, e ficou por fazer.

«E a apropriação pelo Estado dos terrenos que os seus proprietários conservem incultos por períodos superiores a três anos, ou quando os utilizem em culturas que não acudam às instantes necessidades da alimentação pública, facultando-os a entidades que promovam a intensificação de culturas, implicaria a expropriação de quasi toda a metade do país ao Sul do Tejo, se tomássemos como inculto o terreno em posio. Não há governo que a decreta; nem tal medida assim violenta é necessária.

«A limitação da renda das casas, da 2.ª reclamação, mal podia ser decretada sem a eficácia das outras providências para o barateamento da vida; a 6.ª e a 7.ª, para o aproveitamento dos transportes, eram justíssimas; mas a 8.ª, da municipalização do abastecimento do peixe, vinha, água, gás e electricidade, ficaria prejudicada por falta de condições de viabilidade, sem outras providências governativas.

As medidas a realizar devem tender ao embaraço do melhor rendimento, equilíbrio e valorização do trabalho nacional

— Quisssão, então, os seus pontos de vista sobre estes assuntos e quais as medidas a adoptar?

— É sabido que a produção barata é suficiente para o equilíbrio económico e financeiro num arranjo de trabalho que seja proveitoso à *Grei*, é que define a facilidade da vida.

«O bem-estar de uma classe não pode ser assegurado pelo mal-estar de outra ou de outras classes; a riqueza de uns não deve originar a pobreza dos outros. Um povo de pobres será um povo de desgraçados. Por isso, se até agora os políticos não foram capazes de coordenar as actividades nacionais para a felicidade da *Grei*, urge que todos sintam e façam sentir estes problemas, cada classe no seu papel, e que surja uma política nacional capaz de as aproveitar e dirigir para o bem comum. As providências parciais e isoladas, ainda que boas em si, são ineficazes.

«Eis as providências governativas que entendo que melhorariam realmente as condições de vida:

«1.ª Expropriação de vastas áreas de terreno mal utilizado nas regiões de fraca densidade de população, para serem reservadas como património nacional com o fim da povoação o mais rápida possível por meio de famílias cultivadoras e industriais, a que o Estado daria facilidades suficientes e oportunas de trabalho com êxito.

«2.ª Obrigação, por um imposto conveniente, de os proprietários do mais de uma casa ou assento de lavoura de valor relativamente grande, arrendarem, por parceria não exclusivamente pecuária, todos os seus predios, menos os que constituem a casa ou assento de lavoura que eles exploram por

sua conta ou administração directa; também favores do Estado para a rápida e conveniente utilização das terras arrendadas, de modo a reduzir-se muito os períodos dos pousios largos do Sul.

«3.ª Fomento de obras de hidráulica agrícola, especialmente no Sul do país, da iniciativa do Estado, dos municípios e dos particulares. Fomento florestal.

«4.ª Promoção do rápido e largo aproveitamento hidro-eléctrico para o máximo benefício nacional, e da utilização para o mesmo fim dos minérios portugueses.

«5.ª Desenvolvimento rápido da viação pelos processos rendosos de construção e sua exploração em serviço económico e proveitoso. Estimulo aos estaleiros navais portugueses de produção seriada.

«6.ª Remodelação urbana para maior economia e beleza da vida.

«7.ª Providências educativas e de instalação do trabalho nacional de modo a dar maior rendimento à actividade da *Grei* e maior economia de vida.

«8.ª Revisão das pautas alfandegárias e das tabelas dos cereais de modo a tornar mais próspero o trabalho e mais barata a vida.

«As tendências de todas estas reclamações, que precisam de ser pormenorizadas, cifram-se em: 1.º levar a agricultura a produzir economicamente, pela cooperação dos operários agrícolas, todo o nosso alimento e muitas substâncias alimentícias e materias primas para a exportação; 2.º promover que a indústria se instale e trabalhe como nos povos adiantados; 3.º, que os meios de transporte sejam de tarifas baratas. Ou, em resumo, criar um ambiente de trabalho nobilitante que nos livre de sermos esmagados pela invasão comercial e financeira do estrangeiro.

«No emaranhado das condições políticas que tal nos possam assegurar compete a cada classe o seu papel, onde cada uma pode concorrer para o bem comum sob a direcção de uma política nacional, e ao mesmo tempo fazer a sua educação para que possa exercer o melhor possível a sua parte de influência na marcha da sociedade.»

E agradeço ao ilustre economista a amabilidade com que se prestara à nossa entrevista e os bons ensinamentos da sua conversa despretenciosa, despedimo-nos, prometendo voltar para continuarmos a ouvir novas lições que transmitiremos aos leitores de *A Batalha*.

## A OBRA BOLKEVISTA

### Nacionalização das obras literárias na Rússia

O *Manchester Guardian* de 20 de Fevereiro publica uma carta do seu correspondente em Arkangel, onde se lê o seguinte sobre a obra intelectual dos soviets:

«Os bolkevistas são usurpadores, mas fazem certas coisas que não deixam de ter interesse. Nacionalizaram agora as obras dos autores russos falecidos. Esta nacionalização consiste em privar os herdeiros dos direitos de autor, direitos que passam para o Estado, e em imprimir numerosas edições das obras desses escritores que são facultadas por modestíssimos preços.

Pelo que respeita a Tolstoi, que renunciara, como é sabido, aos seus direitos de autor, houve apenas que subvencionar a publicação de uma edição completa, extremamente barata. O acordo foi concluído com Tchertkov.

As obras de Pouchkine, Tourguenoff, Dostoievski, Gogol, etc., foram também nacionalizadas. As obras completas do célebre historiador Kliotchekski, que custavam antes da guerra 65 rublos, acabam agora os bolkevistas de reimprimá-las em 3 volumes que são cedidos ao preço de um rublo cada volume.»

### Os burgueses contra os operários

A comunicação britânica sobre a frente russa anuncia mais uma derrota dos bolkevistas

LONDRES, 19. — Comunicação britânica da frente russa. Na frente de Arkangel os bolkevistas atacaram no dia 15 do corrente Morjogorskaya, nas margens do Dvina, 130 milhas ao sul de Arkangel, mas foram repellidos, deixando em mão poder 57 mortos, grande número de prisioneiros, entre os quais 5 que não estão feridos, e 6 metralhadoras. — H.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Mortos de guerra

Um caso curioso e significativo se dá nos países aliados, ao que lêmos num jornal italiano. Durante a guerra impedia a censura desses países que a imprensa desse a público as listas completas dos mortos em combate, ainda assim não fosse amachucar-se o moral das populações em beligerância, com o relato completo das consequências da hecatombe. Chegava a gente a supor que em cada combate nasciam soldados aos milhares em lugar de morrerem. Mas dá-se agora o caso de andar-se a mercadejar com a paz. E logo aquelas nações que, a avaliar pelas notas oficiais publicadas, pouquíssimas baixas haviam sofrido, surgem apresentando números fabulosos de soldados mortos, exagerando sem escrúpulos, e levando a verdade ao quadrado, para com essa tática mais pesarem na balança que mensurará as compensações e indemnizações a estabelecer aos vencedores. E assim a moral dos Estados, de tal fecundidade na intruque que nem um profissional do «vigário» logra igualá-la.

### A milenar incongruência

Como é sabido, as companhias ferroviárias aumentaram consideravelmente as suas tarifas, durante os anos de guerra. Uns tantos por cento hoje, que era por mór da alta do carvão; mais uns porcentinhos amanhã, porque o carvão aumentara ainda de preço; novas percentagens depois, que o carvão aumentava sempre. Chegou o acréscimo de preço das tarifas a atingir a bagatela duns 57 %. E' certo que a hulla sofreu uma alta extraordinária, e outro remédio não havia senão aceitar a desculpa das Companhias que aumentavam os bilhetes. Mas o carvão, mal cessou o tiroteio nos campos de batalha, entrou a baixar, se não tão apressadamente como subira, pelo menos em proporções apreciáveis, fazendo assim conjecturar que, cessada a causa, cessaria o efeito, e as companhias voltariam, pouco a pouco, às tarifas *ante-bellum*. Pois, iludindo a nossa justificada expectativa, vem a folha oficial de sahado último publicando uma portaria em que se autorizam as companhias de caminhos de ferro a manter a aludida sobretaxa de 57 %, que nos leva por um percurso de dois quilómetros, por uma viagem até à Porcalhota, quasi tanto dinheiro como outrora seria preciso para ir aos antipodas. O aumento manter-se-há até seis meses depois de assinado o tratado de paz. Motivo para um vemente protesto da parte do público — dirá quem nos lê. Mas já nem para protestos nos chega a paciência. É para que clamor de balde justiça perante o peneiro que é o Estado — quando o mais simples e o mais prático é arrear o peneiro?

### De mal a pior

Foi desarmada a polícia, parcialmente, está bem de ver, porque lhe deixaram o eufanismo e não sabemos se também o revólver. Fomos dos que não disfarçaram uma manifestação de júbilo pelo facto. A polícia, tal como se apresentava na via pública durante o sidonismo, apetrechada como para uma caçada a feras, abarrotada de balas e de armas, contida nos decididamente com os nervos. Lisboa dava a ideia de uma penitenciária imensa em que todos os fossemos prisioneiros, guardados à vista por carcereiros semelhantes a domadores. Ofendia e vexava. Vexava e revoltava. Por modo que o desarmamento parcial da polícia tirou-nos do peito a sensação de asfixia que então experimentávamos. Pois desmancharam a inovação do sidonismo para aumentarem em breve, ao que lêmos, a guarda republicana, provendo-a de artilharia e metralhadoras. Talvez também de gazes asfixiantes. Chama-se a isto sair a gente de Seila e esperar-se seguidamente em Caribdis.

### de S. Pedro da Cova

Passam hoje, se bem nos recordamos, precisamente oito dias sobre aqueles em que devia vir a público o decreto acerca da mina de S. Pedro da Cova, donde tantas vantagens haviam de resultar para aqueles que nela trabalhavam.

Entrevistou *A Batalha*, como se sabe, o ministro do trabalho acerca de tais medidas. Demos à sua entrevista, por considerarmos interessante o caso, o lugar de honra deste jornal. Aguardamos a visita, na nossa redacção, do referido decreto. Procurámo-lo nas colunas do *Diário do Governo*.

E agora, que já vão decorridos oito dias sobre a data da sua prometida publicação, preguntamos:

— Que houve? Onde está esse decreto? Que oposição encontrou por parte dos outros ou de outros membros do governo? Que motivos ocasionam esta demora quando é certo que há no governo uma... concordância absoluta sobre estas coisas operárias?...

Responde-nos aqui do lado um companheiro:

«E' capaz de ter sucedido o caso estranho do decreto da mina de S. Pedro da Cova ter caído numa cova da quinta dos Patudos...»

«Que dirá o sr. ministro do trabalho?»

«A *Batalha* em Faro

Vendo-se na Livraria Farnese de Tavares & Brito e na Tabacaria Capela.

## A revolução social na Alemanha

### O que diz o «Daily Telegraph»

O *Daily Telegraph* publicava no seu número de 6 do corrente um editorial versando a Revolução social na Alemanha, em que dizia:

«Ainda que a greve de Berlim tenha terminado, deve ser, no entanto, considerada como mais uma manobra dos extremistas na sua luta contra o governo. Não será a última. O seu objectivo manter-se e manter-se há sempre: Poder completo para o Soviet, por outras palavras: Bolehevismo na Alemanha.

Depois de cada um destes conflitos, o governo fica mais debil, de modo que os comunistas estão sempre animados para ir mais longe e em cada pausa da rebelião, a Revolução, que conserva a sua vitalidade, marcha mais acenadamente para a esquerda. Ainda há pouco o presidente Scheidemann declarou que, se não se empregasse a força contra a força, se se desse o menor passo nos reconhecimento dos movimentos extra-parlamentares, o governo e a assembleia nacional iriam para o demónio. Mas apesar de tal declaração, o governo foi obrigado pelo soviet de Berlim a negociar e a prometer toda a espécie de concessões, ainda que com a estrita reserva de que o governo conservaria o poder supremo.

Os independentes e os comunistas, utilizando os socialistas maioritários como intermediários, enviaram uma deputação a Weimar para negociar com o governo e, segundo as notícias que chegam aqui, o governo reconheceu os soviets na Constituição, pela seguinte forma:

Cada indústria, por votação secreta, elegirá um conselho, e com estes conselhos será constituído o Conselho Nacional dos Trabalhadores, que terá permissão a organização da política económica. Duvidamos muito que este projecto engenhoso seja do agrado dos comunistas, porque o governo acrescentou que os empregados e os patrões da mesma forma que os operários, devem ter representação neste organismo nacional. E' muito provável que o facto posto em evidência da necessidade em que se viu o governo de parlamentar com os insurrectos, sirva de estímulo aos espartaquistas para irem mais longe. Por enquanto, as concessões feitas pelo governo aos soviets e a sua promessa de proceder imediatamente à socialização das indústrias, são acolhidas em todos os campos como uma capitulação, sendo também assim interpretadas quer pela imprensa espartaquista, quer pela imprensa reaccionária.

Os diários da direita estão francamente atemorizados perante a perspectiva de um futuro muito próximo, reconhecendo que o fim dos extremistas é a dissolução da Assembleia Nacional, a promulgação de uma constituinte e a ditadura do Proletariado.

A *Rheinische Westfälische Zeitung* diz: «Se a revolução triunfa, a Alemanha ligar-se-há então com os bolkevistas da Rússia, e Lenine e Trotsky entrarão pelas portas do Brandburgo, aonde tremularão as bandeiras vermelhas, entre as aclamações dos bolkevistas de Berlim.»

A *Tägliche Bundeschan*, por outro lado, afirma que o governo, apesar de ter evitado com a sua meia capitulação, uma catástrofe imediata, não poderá evitar uma sangrenta guerra civil, pois está certo de que todas as concessões serão repelidas desdenhosamente por aqueles que ela denomina de *radikaleis*.

## A BATALHA publicará depois de amanhã uma nova entrevista com o sr. Ezequiel de Campos.

### NA RUSSIA

## Luta contra os bolkevistas

BERNE, 21. — A agência telegráfica suíça é informada de Proskorovo de que as tropas retomaram a ofensiva obtendo sucessos consideráveis. Os ucrânios avançam na direcção norte recuando Sarny, importante entroncamento de caminhos de ferro, ocupando igualmente Dombrovitz e Stolin a 20 quilómetros ao sul de Pripet e conservam a margem do rio Heryn. Os ucrânios ocupam também Smerinka e os gregos repeliram os bolkevistas de Kherson. — H.

### Conselho Supremo dos Aliados

PARIS, 21. — Oficial. O conselho Supremo dos Aliados reuniu esta tarde das 3 às 6, ocupando-se sob diferentes aspectos da questão polaca, bem como do transporte das tropas do general Haller para a Polónia. A próxima sessão será amanhã às 11 horas. — H.

### Negociações de Posen

PARIS, 27. — Segundo uma nota oficial alemã o rompimento das negociações em Posen foi devido à impossibilidade de chegar a acordo sobre a presidência da comissão de fiscalização germano-polaca. Os alemães queriam que o presidente fosse o papa, que o dosi-gaoso; a opente queria que fosse nomeado pela comissão internacional. — H.



# Roubar ou ser roubado

Portugal, incontestavelmente é hoje e sempre-lo-há, cada vez mais, um país infestado por numerosas quadrilhas de numerosos bandidos, um país a saque; um país a apique, fazendo água de imoralidade, de perversão, de crápula, de cinismo, de baixa de carácter, de subserviência, incúria, maldade, e relaxamento por todas as juntas; um país em que, categorica e imperativamente, não há mais que fazer senão isto: roubar ou ser roubado.

E na irreversível e irreversível enraivação deste dilema infernal só poderá, quando muito, haver o recurso de se estoriar de fome, abraçado ao frágil madeiro da honestidade que flutua, a custo, escorregadio e viscoso, a simulação, duma alforçada, que não é carne nem é peixe como costuma dizer-se.

Isto, principalmente, debaixo do ponto de vista económico, mas devido e não pouco ao descabimento da política que, em lugar de ser, entre nós, a tal pretendida ciência de bem governar os povos, tem empregado todos os meios possíveis e imagináveis para desgovernar os até à consumação dum verdadeiro patricídio, em prejuízo manifesto de patriotas e não patriotas.

Quem vive?

As quadrilhas.

Quem manda?

As quadrilhas.

Quem possui?

As quadrilhas.

Quem goza?

As quadrilhas.

A terra está inculta, improdutiva há anos, na maior parte da sua extensão.

O mar está improdutivo, há anos.

Carnes não há, como não há meios de transporte na terra e no mar.

O pão é escasso, caríssimo, composto de toda a casta de substâncias tóxicas e indigestas, moidas e remoidas pelos processos mecânicos da máxima perfeição.

Um chicharro pódre, venenoso, custa oito vinténs.

Uma dúzia de sardinhas ou carapaus, não muito grandes, custa um cruzado.

Assucar só abunda o areado branco, a nove tostões o quilo e o americano de luxo.

A manteiga, com quarenta e cinco centos por cento de água é igual percentagem de porcas e substâncias tóxicas, custa vinte e quatro tostões cada quilo.

Feijão e batatas não há.

O calçado e o vestuário custam o que se sabe.

As rendas de casas são pavor, são de carência.

Para cumulo de infortúnio e como se a produção nacional e a importação do alimento não fossem tão escassas como são, deixam-se apodrecer, de propósito, a batata, o milho, e as farinhas e muitos outros generos que, bem aproveitados, repartidos e transportados, a tempo e horas, dariam um grande alívio à situação económica do consumidor e à acção governativa, ainda com a garantia da estabilidade da ordem pública e vantagens muito importantes para a fazenda pública.

Pódre, por via de regra, é o peixe que entra no mercado; pódre a batata que aparece, quando aparece; pódre o arroz, bafuto e lichoso; pódre o feijão, o milho que vem de África; pódre os feijões; pódre as farinhas; pódre os tecidos para vestuário; pódre as consciências, as leis repressivas do apamamento, da sonegação e da ganância comercial; pódre o carácter; pódre a justiça; pódre a política.

Tudo pódre, a delirar-se; tudo corrompido; tudo falsificado; tudo mau, tudo ruim, tudo péssimo, tudo caríssimo; tudo excrementício, purulento, canceroso e fétido; tudo em almeida, em leitão, tudo pilhado—desde a carteira que se mete no bolso, até as ideias íteas que podem servir e do que se faz má baixa para armar ao efeito e à popularidade, para se mostrar que há interesse pela causa dos humildes, para se mostrar ta-

lento, inteligência e outros bons predicados, que não se possuem porque é mister que se diga que, em Portugal, não havendo já mais nada que roubar, dentro da lei, até se faz má baixa do que os outros pensam, revelam e publicam, com sacrifício seu, para o bem comum, ficando assim roubados, sem apelação nem agravo e, ainda por cima, perdidos e mal pagos no conceito das quadrilhas onipotentes e omiscientes, enriquecidas, a mais não poder ser, à custa de crimes para os quais seria pouco o mais aspero e violento castigo.

«Mas como havia de ser, como poderia ser de outra maneira, se o mal já vem do tempo remoto das conquistas e se o português que não degenerou não perde de baldá ancestral de surripia, para fazer casa, o que, de direito, pertence a aqueles que constituem a excepção da regra geral e cujo modo de ser moral os tornou anormais, por comparação, refractários, por conseguinte, à podridão que os envolve, asfixiando-os por não poder contagiá-los?»

E o que não está podre nem pode apodrecer, não serve, não presta, deita-se fora, irradia-se, despresse-se, quando não se lhe faz peor.

Tudo isto vem à coleção da crise das substâncias que, muito de propósito, não se tem resolvido nem resolverá porque não convém que se resolva, quando, aliás bem poderia resolver-se, sem matar nem ferir alguém, não direi como porque não quero nem compete dizê-lo a quem não é coisa alguma no mundo oficial das substâncias, mesmo para o que o sapateiro não suba além da chinelos ou para não meter fofo na cabeça das atribuições alheias.

Todavia, como essa crise não se resolve do modo algum, é com a liberdade de comércio, por conta gótas, com excepções, com favores, com privilégios, com a intrusão do Estado na vida comercial, quando lhe dá na gana.

Como ela não se resolve nem poderá resolver-se com a restrição sistemática de transportes, com o obsequio escandaloso e transparente a amigos e parciais, a empresas, sindicatos, companhias e monopólios, com as peias, dificuldades e entraves burocráticos.

Assim não vai.

Não vai mas racha. Com toda a certeza que racha.

E aos que me disserem que a liberdade de comércio, como eu a entendo, recomendo e tenho recomendado, que é como ela devia ser, daria causa à mais elevada carência da vida, responderei que não pode nem deve julgar-se e condenar-se *a priori*, por hipótese ou simples palpite, juridicamente falando.

O meu critério, neste particular das substâncias, vem a ser o seguinte:

Concedida, com a máxima amplitude e sem a possibilidade de nenhum sofisma, a liberdade de comércio, de duas coisas, uma delas sucederia, infalivelmente.

Ou o comércio, em geral, se humanizaria, ou não humanizaria.

No primeiro caso, tudo estaria bem e não seria preciso intervir na vida comercial.

No segundo caso o caminho a seguir seria este:—carregar sobre o comércio ou então deixá-lo inteiramente à sua mercê e à sua vontade como o consumidor, sem intervir, de maneira alguma nos conflitos que se produzissem entre comerciantes e consumidores, **acontecesse o que acontecesse.**

Alguem poderá chamar a isto radicalismo, sovietismo, bolchevismo—ou anarquismo.

Eu chamo-lhe cirurgia, conducente e azada a uma solução, que é sempre uma solução.

Não é preciso ser Lloyd George para se compreender ou reconhecer a necessidade de enervar pelo caminho que deixo indicado, que é aquele que conduz, em linha recta, aos antipodas da podridão que deixo acima assinalado, ou seja o verdadeiro caminho da salvação de tudo e de todos.

José Benedy

## INSTRUÇÃO POPULAR

75 por cento de analfabetos—Faltam 7.000 escolas em Portugal e as que existem são pardieiros—Uma representação do professorado primário

Além das restantes, verificam-se estas anomalias na seguinte representação que o Conselho Central da União do Professorado Primário Português acaba de entregar ao ministro da instrução:

«Portugal, todos o sabem, é país de nível mental inferioríssimo que o mesmo é dizer de abandono, amoralidade e decadência.

Podendo ser rico e feliz, é pobre e desgraçado.

Podendo ser laborioso e forte, é negligente e fraco.

Tem, segundo as últimas estatísticas oficiais, 75,1 por cento de analfabetismo global, estando acima de nós já (suprema vergonha) os pretos de Cuba e Filipinas, alguns povos sul-africanos, os índios da América do Norte e ficando-nos abaixo apenas a Sérvia, o México e os selvagens da África e da Oceania.

Gasta com toda a sua instrução primária uma soma irrisória que nos envergonha perante os orçamentos generosos que nos mostram as outras nações.

Devendo ter um mínimo de 12.000 escolas, possuímos pouco mais de 5.000. Devendo ter um mínimo de 20.000 professores, não chegamos bem a 8.000. Devendo, ter por esse território além, autênticas escolas, templos sacrosantos de democracia, encontramos apenas pardieiros ignóbeis onde mestres e alunos se perdem física e mentalmente.

Em vez de se dar à nação um ensino racional, activo, em vez de se fazer a libertação do povo português com uma educação eficaz, verdadeira, que não atrofia as inteligências, que não arrase as almas e não obitere os espíritos, dá-se-lhe qualquer coisa a que compoem-se chama instrução primária, mas que não passa de um engano, de uma vergonha nacional. E o professor primário é a encarnação viva da penúria.

O antecessor de v. ex. propôs-se, disse-nos ele, proceder à necessária remodelação do ensino em todos os seus graus, reorganizando o superior, o secundário e o especial, pôs de parte o ensino primário. Quera dizer, beneficiou o ensino que aproveitava à minoria do país e desprezou o ensino do povo, aquele que se destina e que deve aproveitar a todos os filhos da nação.

Tratando-se da escola primária, tem sido sempre o mesmo retratamento do Estado e tem-se-nos respondido invariavelmente que não há dinheiro. Tratando-se de melhorar a situação do professorado primário, tem-se alegado que isso se não pode fazer por sermos poucos.

Assim se tem protelado a questão sem pensar no verdadeiro significado dessas respostas nem na improrrogabilidade da resolução de tão ingente problema.

Isto tem sido a confissão tácita de que o Estado não tem sentido o problema, nem tem sentido a importância da questão porque, se não melhora 5.000 escolas nem acode a 8.000 professores, como há de dotar a nação com as 12.000 escolas e os 20.000 professores de que ele carece imprescindivelmente?

Estamos divorciados da civilização e com esse divorcio não se compadecia a hora que passa.

Não nos iludamos, nós portugueses, uns aos outros, com palavras cuja inandade os factos eloquentemente se têm encarregado de desmentir.

E' hora de falarmos todos a linguagem da verdade, de compreendermos a gravidade do momento social que atravessamos e metemos ombros à inadivél tarefa de remodelar a sociedade portuguesa por meio da escola.

E' necessário furtarmo-nos todos a essa imobilização do raciocínio que não nos tem permitido resolver o magno problema. Urge que vejamos, em toda a sua elevação e grandezza, as realidades da vida, as mais instantes necessidades nacionais.

E' este o sentir do professorado primário português. Permite-lhe v. ex. que, na qualidade de educador e de cidadão, ele o venha afirmar junto de vós, como o irá afirmar perante a consciência nacional.

Os governos em Portugal, ex.º sr., tem cometido o erro de não contar com o professorado primário quando ele, valorizado, poderia constituir a mais poderosa alavanca do Estado.

Não obstante, na classe do professorado, primário existe já uma alma colectiva, consciente, integrada no espírito moderno, sentindo bem o momento pátrio e universal que decorre, e de há muito em luta para que o Estado a ponha em condições de bem desempenhar a sua alta missão social.

Muitas e demais conhecidas são as legítimas aspirações do professorado primário, cuja satisfação baladamente vem reclamando, num crescendo de mal estar material e moral cada vez mais insustentável.

O despertar do mundo para uma nova vida e a recente vitória da República Portuguesa trouxeram alento à classe, quasi séptica já pelo alheamento dos homens públicos no tocante a problemas de educação, e pelo degradante esquecimento e sistemático ludíbrio de que tem sido vítima. De v. ex.º, do governo e da República está suspenso, neste momento, o espírito de todo o professorado primário.

Elo vos traz hoje todo o seu apoio moral para a efectivação do aumento de vencimentos proposto pela comissão que v. ex.º espontaneamente homeou e para a urgente reforma da escola primária, —crente de que vai ser, enfim, dignificado, desejando ardentemente que se assegure a todo o povo português uma educação racional, para prosperidade e honra da nação, para consolidação e glória da República.

A BATALHA em Coimbra vende-se na tabacaria Pátria, rua da Sofia.

## Vida Sindical

### COMUNICAÇÕES

U. S. O. de Lisboa

Reúniu a Comissão Administrativa deste organismo conjuntamente a Comissão de Propaganda Sindical, resolvendo promover uma série de conferências e sessões de propaganda tendentes à preparação de um comício operário no dia 1.º de Maio.

Na próxima quinta-feira, 27, pelas 20 horas, realizam-se as duas primeiras destas sessões nas sedes da U. S. O., calçada do Combro, 38-A, 2.º e Associação do Pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional, rua de S. Paulo, 121, 2.º.

As seguintes terão lugar todas as segundas e quintas-feiras, até ao dia 1.º de Maio, nas sedes dos sindicatos das diversas indústrias, a indicar oportunamente.

Op. da Companhia das Águas

A comissão delegada desta classe conferenciou ontem novamente com o ministro do trabalho relativamente à reclamação de 20 de aumento no salário. O ministro respondeu que o assunto ficaria resolvido dentro de breves dias, devendo a comissão voltar ao ministério depois de amanhã.

Pintores da Construção Civil

Reúniu ontem a assembleia geral, sendo tratado um caso passado com os pintores na obra do hospital do Destierro, ficando resolvido o caso ao ministro do trabalho e a comissão inter-sindical. Foi aprovado um voto de confiança à comissão que trata de colocação de operários sem trabalho, sendo resolvido encerrar a inscrição.

Acêra das posturas municipais sobre a limpeza das propriedades na cidade, o camarada Cruz enviou para a mesa uma moção que foi aprovada e que conclui por resolver entregar o caso à Federação, que dele deve tratar, indo, se for necessário, até um movimento, desde que a câmara não cumpra as posturas.

Foram nomeados delegados: à comissão técnica da C. C. Felix Fernandes, e à U. S. O., Rozendo Felix dos Santos. A assembleia terminou os seus trabalhos aprovando um voto de congratulação pela vitória das camaradas da Catalunha.

Federação da Construção Civil

Reúniu o Conselho Federal, que apreciou as propostas sobre diversas obras, cujas condições foram apresentadas pelo sr. ministro do trabalho, e com as quais esta Federação não está de acordo, pois que as garantias dos operários não estão asseguradas. Ficou resolvido que se tratasse deste caso mais largamente na imprensa, ou por meio de manifestos.

Também resolveram lançar o seu protesto publicamente contra a intervenção das forças aliadas na Rússia, o que é contra os próprios princípios defendidos pelas potências aliadas, estando o operariado desta indústria ao lado daquelas camaradas.

Foi ainda resolvido enviar um telegrama de felicitação aos camaradas de Barcelona pela vitória alcançada no movimento que acaba de terminar.

E' no próximo sábado que se realiza o grande festival no Coliseu de Lisboa, em benefício das escolas a instalar na sede da Federação, sendo convidados todos os indivíduos que tenham bilhetes a vir prestar contas até depois de amanhã. Aquelles bilhetes que não forem devolvidos até esse dia, consideram-se como passados e, portanto, a pagar.

Federação da Indústria Mobiliária

Reúniu, continuando a tratar da livre exportação de madeiras e depois de largamente debatido este assunto, resolveu reunir extraordinariamente amanhã, para continuação de trabalhos.

Mais resolveram oficializar as associações de classe dos operários carpinteiros civis e navais e carruageiros de Lisboa, convidando cada uma delas um delegado a uma reunião que se efectua na próxima sexta-feira, para se apreciar devidamente a questão da livre exportação de madeiras.

A reunião de amanhã efectua-se às 21 horas.

CONVOCAÇÕES

União dos Jardineiros em Portugal

Reúne hoje a assembleia geral, pelas 20 horas.

Socção das Associações da Construção Civil de Belem

Reúne hoje a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Eleição dos corpos administrativos, e da comissão revisora de contas, e nomeação dos delegados à comissão Inter-Sindical e à Federação.

Sindicato Metalúrgico

Para continuação da leitura do projecto do estatuto do bolism de trabalho e caixa de solidariedade, reúnem hoje, às 20,30, a comissão, os delegados dos sindicatos e os camaradas que se interessam pelo assunto, na rua da Esperança, 204, 2.º.

Construção Civil da Amadora

Reúne hoje a assembleia geral, para tratar de assuntos que interessam a todos os associados, sendo um deles apreciar o pedido de demissão do camarada delegado desta associação, Vladimiro Camarate.

Operários Carruageiros

Reúne hoje, às 20 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Eleição dos corpos gerentes para o corrente ano; eleição da comissão revisora de contas de 1918; resolver sobre o número de acções a adquirir de A. Batalha.

Encadernadores e Anexos

Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral para o preenchimento de cargos vagos e apresentação do relatório da comissão revisora de contas.

Vendedores Ambulantes

Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Continuação da discussão do relatório de contas e apreciar a forma como se deve comemorar o aniversário deste sindicato, que está próximo.

Trabalhadores da Imprensa

Reúne-se na próxima sexta-feira a assembleia desta associação para leitura e aprovação do relatório e contas da gerência e eleição dos novos corpos gerentes.

Operários Marconeiros

Reúne hoje a assembleia geral deste sindicato para resolver, entre outros trabalhos, sobre a resposta à circular da administração de A. Batalha.

NO MINISTERIO DA GUERRA

A inauguração do gabinete de imprensa

Realizou-se ontem a inauguração do gabinete de imprensa que, por iniciativa do ministro da guerra demissionário, foi instalado no ministério da guerra.

As acções comparceram representantes de quasi todos os diários da capital, estando A. Batalha representada pelo nosso camarada de redacção, o operário gráfico Luis Consiglieri Sá Pereira. O titular da pasta da guerra assistiu, acompanhado de grande número de oficiais, à abertura do citado gabinete, tendo sido servido um delicado lanche.

Após o lanche, o ministro da guerra saudou a imprensa, a Pátria, o Exército, a República e o chefe do Estado, expondo, em seguida, os motivos que o levaram a pedir a sua demissão, que estaria em escrúpulos do seu carácter que não se compadecia com as perseguições que se pretendem levar a cabo no exército.

As saudações do ministro responderam os representantes de alguns jornais, fazendo ressaltar a prova de consideração dada à imprensa pelas estações oficiais, consideração que é caso virgem nos anais da imprensa portuguesa.

Pela imprensa estrangeira usou da palavra o sr. Alejo Carrera, correspondente do El Sol, saudando o ministro da guerra e a República portuguesa.

O gabinete da imprensa começará a funcionar de amanhã em diante, devendo, todos os dias, um oficial informar os representantes dos diversos jornais, das notícias referentes a assuntos militares, havendo, por isso, horas determinadas, quer para os diários da tarde, quer para os diários da manhã.

## A situação política

Com o presidente do ministério conferenciaram ontem os representantes dos diversos partidos da República, acêra da questão política, e, ao que se diz, no sentido de que o sr. José Relva continue, à frente do governo. No entanto dá-se como positivo o pedido de demissão do actual gabinete.

Tentativas de suicídios

Foi para a enfermaria 1 (Santa Joana) do hospital de S. José, Libânia Nunes Costa, 37 anos, residente na rua da Sociedade Farmacéutica, 25, 1.º, que tentou suicidar-se dando um tiro no tórax.

Recolheu à enfermaria 4 (Santa António) do hospital de S. José, Augusto Botelho, de 18 anos, empregado no comércio, residente no Chalot Adalberto, 14, 1.º, que tentou suicidar-se dando um tiro no tórax.

Recolheu à enfermaria 4 (Santa António) do hospital de S. José, Augusto Botelho, de 18 anos, empregado no comércio, residente no Chalot Adalberto, 14, 1.º, que tentou suicidar-se dando um tiro no tórax.

O perigo das armas de fogo

No Banco do hospital de S. José foi pensado Custódio Pereira, 17 anos, trabalhador, residente no Casal da Prêguica, em S. Francisco, Alcochete, que ali, ao experimentar uma arma esgaçadeira, lhe rebentou estropeando-lhe dois dedos da mão esquerda.

Ferido com um tiro

Da enfermaria 8 (S. Sebastião) sai hoje com alta João da Silva, 45 anos, empregado no comércio, residente na rua do Forte, 28, 2.º, esguerdado, que no dia 22 de Fevereiro último foi ferido em ambas as pernas com um tiro.

Agressão à facada

João Augusto, de 33 anos, marítimo, e José Rodrigues, de 35 anos, descarregador, residentes no prédio da Terceira, 15, 2.º, que na rua 24 de Julho, envolveram-se em discussão na taberna do Pedro, nesta rua, com um indivíduo conhecido pelo Chico Pedreiro, que os agrediu à facada.

O Rodrigues ficou ferido no braço direito, recolheu à enfermaria 4 (Santa António) do hospital de S. José, e o Pedro, ferido na coxa esquerda, recolheu, depois de pensado, à enfermaria 4 (Santa António).

A PENSIONISTA

A Pensionista (Cooperativa do Pessoal da Imprensa Nacional)—Reúne hoje a assembleia geral, às 21 horas, na sede da Cantina de S. Mamede, rua do Salitre, 378, para eleição do vice-presidente da mesa; discussão do relatório e contas da gerência de 1918 e respectivo parecer do conselho fiscal e discussão do projecto de regulamento para a execução do capítulo XIII dos estatutos—Pensões.

Assistência Pública

Toma hoje posse do lugar de provedor da Assistência Pública o sr. António Nunes da Silva Júnior.

Acidentes de trabalho

Para a enfermaria 8 (S. Sebastião) do hospital de S. José entrou António da Silva, de 67 anos, corticeiro, morador na rua de Marvila, 22, loja, que na Fábrica de José Peixoto, no Poço do Bispo, caiu sobre uma pilha de cortiça ficando muito lesionado pelo corpo.

Enfermaria 4 recolheu Domingos José de Oliveira, de 59 anos, rua da Pólvora da Silva, 12, que na Fábrica Providente, ao Carde Barão caiu da altura de um 1.º andar, fracturando a perna direita.

Enfermaria 4 (Santa António) recolheu Bernardino da Costa, de 56 anos, descarregador, morador na rua Maria Pia, 33, que na estação de Santo Amaro foi colhido por um fardo de palha, fracturando a perna esquerda.

Últimas de agressões

No Banco do hospital de S. José, foi pensado Manuel Alves, 40 anos, moço de fretes, residente na travessa do Fútil, 13, que a porta da estação de Roçio, foi agredido com uma pedrinha na cabeça por um seu colega do nome João Folgoso, que foi preso.

Recebeu curativo no Banco do hospital de S. José, Maria da Conceição, de 37 anos, residente na Travessa de Maripães, 1, agredida e lançada por um hospede, Manuel António do Espírito, trabalhador rural, que se evadira. Apresentava grandes contusões pelo corpo.

Enfermaria 1 (Santa Onofre) do hospital de S. José recebeu Tomás Ribeiro Ramos, residente na rua dos Ferreiros, 18, 1.º, agredido e lançado por um seu colega do nome João Folgoso, que se envolveu em discussão com uns indivíduos que se haviam entrometido com ele, quando a bordo do vapor vindo de Casilhas passava com umas mulheres.

No Banco do hospital de S. José, foi pensado Francisco Pereira da Silva, de 28 anos, padreiro, residente na rua dos Vinagres, 7, que próximo da residência foi agredido a coactada ficando ferido na cabeça.

# Ultimas noticias

## Pela Inglaterra

Bonar Law continua a dizer coisas...

LONDRES, 21.—O sr. Bonar Law, antes que os comuns abordassem a questão dos relatórios da comissão relativamente à indústria carbonífera, fez uma curta declaração dizendo respeito aos ferroviários e operários de transportes. O sr. Bonar Law classifica de razoáveis as ofertas dos patrões aos empregados dos transportes e há razão para esperar que os operários os aceitem acatáveis. Acêra dos ferroviários de razãoáveis as ofertas dos patrões aos empregados dos transportes e há razão para esperar que os operários os aceitem acatáveis.

O sr. Bonar Law disse que o governo propõe o estado actual dos salários compreendendo as subvenções de guerra até ao fim de 1919. Os ferroviários formulam novos pedidos, que acarretariam despesas que vão além de 10 milhões de esterlinos por ano, o que constitui uma exigência grave, dada a situação em que se encontram os caminhos de ferro.—H.

O dia de 6 horas de trabalho e o rendimento das minas—Avaliação das concessões—O que sucederá aos operários

LONDRES, 21.—Diz o sr. Bonar Law que a razão da proposta de redução do dia de trabalho a 6 horas em 1921 é que creem que a este tempo o rendimento das minas atingirá o nível de 1913. A continuação destas concessões está avaliada para o ano corrente em 43 milhões de esterlinos, sobre os quais se espera recobrar 30 milhões, limitando a 14 pence por tonelada os rendimentos dos proprietários. Mas a totalidade destes 30 milhões não passariam das mãos dos patrões à dos operários, porque mais de 15 milhões reverteriam a favor do Estado sobre a forma de imposto sobre rendimentos excessivos.—H.

Relatório dos membros independentes da comissão carbonífera—Proposta de aumento de salário que representa um terço a menos do que os mineiros reclamam—Oito horas de trabalho em vez de sete

LONDRES, 21.—Diversos membros independentes da comissão carbonífera entregaram um relatório, decidindo o governo adoptar o do presidente da comissão, referendado por três membros da comissão, que nada tem com a indústria do carvão. Este relatório propõe aumento de salários de 2 shillings por dia, que é um terço a menos do que os mineiros reclamam. Além disso propõe a substituição do dia de oito horas pelo de sete horas de trabalho, a partir de 16 de Julho, e a seis horas em 2 anos se um novo exame da indústria carbonífera, no fim de 1920, justificar esta redução.—H.

Se os mineiros não aproveitarem esta ocasião, cometem grave erro—Bonar faz uma «impressionante» declaração

LONDRES, 21.—Nunca os dirigentes dos mineiros tiveram melhor ocasião para chegarem a um progresso sensível na solução dos problemas da indústria do carvão e não se sabem aproveitar deste momento cometem um grande erro. O sr. Bonar Law termina fazendo a impressionante declaração de que, não recuando diante do perigo de tais exigências, o governo mostra estar resolvido a ir até aos últimos limites possíveis para responder aos desejos dos operários e se eles corresponderem a isto com uma greve não será uma greve ordinária de trabalhadores contra patrões mas uma greve contra Estado. (Aplausos).—H.

Sociedade das Nações

Segunda reunião da Junta

PARIS, 21.—Na segunda reunião da junta da Sociedade das Nações, no Hotel Crillon, os representantes dos Estados neutrais expuseram os seus pontos de vista sobre os últimos artigos do projecto do pacto. Lord Cecil, que presidia, agradeceu aos delegados presentes, cujos projectos bastante facilitaram os





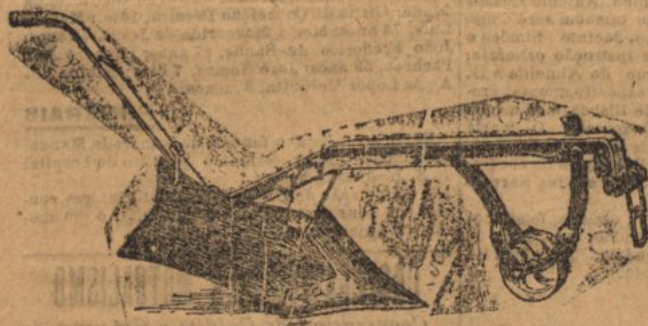


**BICOS****REMEDIA DOS  
POBRES**

Não se esqueçam que ali na

**TRAVESSA DE S. DOMINGOS, 26 E 28**

está em liquidação um completo sortido de calçado para homens, senhoras e crianças.

**CHARRUAS as mais perfeitas****FABRICAÇÃO DE  
E. DUARTE FERREIRA & FILHOS (Engenheiros)  
TRAMAGAL**

Modelos próprios e todos os perences das marcas do mercado, mais gastáveis no país.

Relhas vulgares de grande resistência.

Ditas de bicos substituíveis, privilegiadas, de cuja aplicação resulta uma considerável economia, pois cada relha utiliza muitos bicos de muito menor custo.

**NORAS para tirar agua — PRENSAS para vinho. — Instalações completas de LAGARES DE AZEITE****GRANDES OFICINAS E ESCRITÓRIO junto à estação do Caminho de Ferro do Tramagal****A FUNTIPO****R. Nova da Piedade, 62, 2.º****A mais artistica fundição tipografica de Portugal**

Director-proprietario

**L. Sini.****Máquinas para entrega imediata**Motores a gás pobre e gasolina  
Locomóveis e debulhadoras  
Máquinas e caldeiras de vapor  
Serras sem-fim e circulares  
Máquinas para carpintaria  
Moinhos e aparelhos para fabricas de moagem  
Crivos Marot e tararas  
Mós francesas de todas as dimensões  
Cultivadores e semeadores  
Tornos mecânicos, limadores e máquinas de furar  
Acessórios para máquinas, óleos, correias e empacques**Eduardo Pinto de Sousa & C., Lda**  
**74, Rua 24 de Julho, 74-E LISBOA****REUMATISMO**

SEJA ele que qualidade for e antigo que seja, a sua cura é cortissima e em poucos dias pelo famoso Remédio Sansão (composto de dois específicos, um para o uso externo e o outro para uso interno como depurativo) sentindo-se prontos alivios logo em seguida às primeiras vezes que se usar.

Preço (remédio completo) 25000 réis, pelo correio mais 150 réis, enviando-se para qualquer ponto da provincia a quem mandar a sua importância. Pedidos a Manuel A. F. Calde &amp; C., Largo do Corpo Santo, 20 e 22, Lisboa.

**Tinturaria a Vapor****Marta d'Assunção Silva Branco****45, Calçada do Carmo, 47****TELEFONE 2019**

TINTE em todas as cores e lava toda a qualidade de fazenda, seda, lin, algodão, em roupas de senhora e fatos de homem, feltro e desmanchados, pelotinas, capas de borracha, repolteiros, pelotes, feltros e tapetes.

**Dégraissage à sec****INTERNATO**

Plano dos estudos aprovado pelo Governo

- (a) Instrução primária
- (b) Curso completo dos liceus
- (c) Curso teorico—prático de comércio
- (d) Música e piano
- (e) Ginastica

(Decreto de 29 de Agosto de 1905)

**COLÉGIO LUSITANO**

Instituto Primário, Secundário e Commercial

**APROVADO PELO GOVERNO**

\* \* \*

PROPRIETARIO - DIRECTOR

**JOSÉ NEGRÃO BUÏSEL****PORTIMÃO***O mais importante do Algarve***DERNIER DE LA MODE****SORTIDO COLOSSAL DE CHAPELARIA****Os modelos mais elegantes****Os preços mais economicos****ALVARO ALMEIDA GARCIA****RUA DA PALMA, 50 e 52****OFICINA PARA CONCERTOS****BICICLETES E GRAMOFONES**Machinismos completos, cordas, tambores, ventoinhas, rodas de engrenagem, agulhas, etc., etc.  
Protectores e camaras de ar de diversas marcas e medidas. Esmaltagem a fogo de Bicyclettes e com frizos. Bicyclettes novas e usadas, e todos os acessórios para bicyclettes e gramofones.**5, AVENIDA DAS CORTES, 7****Trabalhos  
DE  
Serralheria****ANTONIO A. OLIVEIRA**

Toma conta de todos os trabalhos da sua especialidade, garantindo perfeita execução e solidez.

**Preços sem competencia****ATENÇÃO:** Da importância de todos os artefactos executados a sua responsabilidade, oferece a percentagem de 10 %, que será dividida em partes iguais pelo jornal A Batalha e pelo cliente ou informador.**Procurai e recomendei esta officina****Rua Ferreira Chaves, 6 M S  
CAMPO LIDE****Serralharia Artística****Vicente Joaquim Esteves****TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO****Construção e montagem de vigamentos e coberturas metálicas****Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo****RUA DAS AMOREIRAS, 92 — LISBOA****Telefone 1412 (Norte)****Cimento "TEJO,"****CUMPRE-NOS avisar o publico de que a fabrica de Alhambra continua produzindo em grande escala o acreditado****CIMENTO "TEJO,"**

empregado há 25 anos nas obras mais importantes do País, sempre com os melhores resultados em cimento armado, como em docas e muitos outros trabalhos de maior importância.

Os seus preços são sempre inferiores em 30 0/0 aos cimentos estrangeiros, alguns de inferior qualidade.

Inúmeros atestados dos mais famosos construtores existem neste deposito e podem ser mostrados ao publico para avaliar a sua excelente qualidade.

**Depositaris gerais****de CIMENTO "TEJO,"****Antonio Moreira Raio & P., Lda****Rua 24 de Julho — 54-F****Telefone Central 233****Endereço telegrafico: RATO-FILHOS****A SIFILIS****ERVANARIO da provincia cura radicalmente a sífilis e todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Contem as resposas e tem curado com as herbas que recebe. Pacote, 600 réis. Provincia, 600 réis. Traves da da Oliveira, 21, 20, D., a Estrela. Curam-se todas as doenças.****Comp. Caminhos de Ferro Portugueses****Sociedade anónima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1894.****EDITOS DE 30 DIAS**

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente reformado Francisco Carreira Lucena, ex-arquivista da Direcção Geral, a pensão por ele legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 28 de Maio de 1887, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Felismina Rosa Escudero, que também se assina Felismina Rosa Carreira.

Findo este prazo, será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 21 de Março de 1919. — O presidente da Comissão Executiva, (a) José A. de Melo Sousa.

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente reformado, Manuel Mendes, ex-guarda de estação da Divisão de Exploração-Movimento, a pensão por ele legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 28 de Maio de 1887, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Maria Gertrudes.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 14 de Março de 1919. — O presidente da Comissão Executiva, (a) José A. de Melo Sousa.

**Empresa Editora Popular****(Officinas Graficas)****Papelaria, Livraria, Tipografia, Encadernação e Carimbos de Borracha****Especialidade em BILHETES POSTAES ILUSTRADOS e Livros escolares****R. do Poço dos Negros, 79 a 83-A — LISBOA Telef. 4009 C.****GRANDE LIQUIDAÇÃO****Por motivo de obras. Liquidação de todos os artigos existentes nos estabelecimentos do L. do Calvário, 16, 17, 18, 19, 20, 20-A e 20-B**

Fazendas de lã para homem e senhora, sobretudos, casacos de senhora, fardos de criança, camisas para homem e senhora, meias, peúgas, lenços, gravatas, colarinhos, suspensórios, panos brancos patentes de todas as qualidades, panos para lençóis de todas as larguras.

Toalhas de rosto e mesa, colchas, cobertores, riscados, flanelas, chitas, cotins, oxford, zefires, cassas, camisolas de lã e algodão, para senhora e homem.

**Descontos aos revendedores****TUDO MAIS BARATO****16, 17 e 18, Largo do Calvário, 28, 20-A e 20-B****JESUS NA GUERRA****Novidade literaria da maior actualidade****As mais interessantes theorias sociaes****A' venda em março — Preço 50 centavos 500 réis****Pedidos á EMPRESA EDITORA POPULAR****Rua do Poço dos Negros, 79 a 83****Propaganda social****Serie de folhetos em preparação****N.º 1****Necessidade da Associação****Por José Prat****Do Trabalhador Indiferente****Por Pinto Quartin****Preço de cada 60 rs.**